

## Relato de experiência

# Relato de experiência sobre o etnoturismo em Roraima como alternativa sustentável para autogestão

Experience report on ethnotourism in Roraima as a sustainable alternative for self-management

Informe de experiencia sobre el etnoturismo en Roraima como alternativa sostenible de autogestion

Jordana de Souza Cavalcante<sup>1</sup> 

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

## RESUMO

O relato de experiência descreve a vivência realizada na comunidade indígena Raposa I, localizada na terra indígena Raposa Serra do Sol (TIRSS), em Normandia/Roraima. A visita técnica foi realizada em parceria do Instituto Federal de Roraima com a comunidade e teve por objetivo propiciar aos acadêmicos do Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo e Pós-graduação do IFRR/Campus Boa Vista a experiência. O relato compartilha a experiência vivida na comunidade citada, durante uma viagem de visita técnica a um projeto piloto de etnoturismo conforme plano de visitação segundo instrução normativa da FUNAI, que regulariza etnoturismo em terras indígenas. Para descrever o relato, a autora realizou observação direta, descrição de relatos em diário de bordo, além de registros de fotos e imagens da experiência no evento Panela de Barro, em novembro de 2019 na comunidade. Além disso, em janeiro de 2023, o plano recebeu a carta de anuência da FUNAI, sendo a primeira comunidade indígena de Roraima a ter etnoturismo.

**Palavras-chave:** Plano de visitação; Terra indígena; FUNAI

## ABSTRACT

The experience report describes the experience carried out in the indigenous community of Raposa I, located in the indigenous land of Raposa Serra do Sol (TIRSS), in Normandy/Roraima. The technical visit was carried out in partnership between the Federal Institute of Roraima and the community and aimed to provide the students of the Technology Course in Tourism Management and Graduate Studies at IFRR/Campus Boa Vista with experience. The report shares the experience lived in the mentioned community during a technical visit trip to a pilot project of ethnotourism according to the visitation plan according to the normative instruction of FUNAI, which regularizes ethnotourism in indigenous

lands. To describe the report, the author carried out direct observation and description of reports in the logbook, in addition to recording photos and images of the experience at the Panela de Barro event in November 2019 in the community. In addition, in January 2023, the plan received a letter of consent from FUNAI, making it the first indigenous community in Roraima to have ethnotourism.

**Keywords:** Visitation plan; Indigenous land; FUNAI

## RESUMÉN

El relato de experiencia describe la experiencia realizada en la comunidad indígena Raposa I, ubicada en la tierra indígena Raposa Serra do Sol (TIRSS), en Normandía/Roraima. La visita técnica se realizó en asociación entre el Instituto Federal de Roraima y la comunidad y tuvo como objetivo brindar la experiencia a los estudiantes del Curso de Tecnología en Gestión Turística y Estudios de Posgrado en IFRR/Campus Boa Vista. El informe comparte la experiencia vivida en la mencionada comunidad, durante un viaje de visita técnica a un proyecto piloto de etnoturismo según el plan de visitas según instrucción normativa de la FUNAI, que regulariza el etnoturismo en tierras indígenas. Para describir el reporte, el autor realizó observación directa, descripción de reportes en bitácora, además de registrar fotos e imágenes de la experiencia en el evento Panela de Barro, en noviembre de 2019 en la comunidad. Además, en enero de 2023, el plan recibió una carta de consentimiento de FUNAI, convirtiéndose en la primera comunidad indígena en Roraima en tener etnoturismo.

**Palabra-clave:** Plan de visitas; Tierra indígena; FUNAI

## 1 INTRODUÇÃO

Preciso começar essa introdução destacando que por ser turismóloga e nativa de Roraima, talvez tenha a obrigação de falar sobre o que tem acontecido e sido apresentado na mídia, a crise dos Yanomamis, no contexto local, os povos originários. Também preciso dar ênfase a esse tema tão importante para o povo brasileiro entender que: sim, precisamos olhar mais e cuidar dos povos originários deste país. E há várias formas de fazer isso, uma delas é o etnoturismo. Ainda, por coincidência ou não, hoje, 19 de abril de 2023, abri o arquivo para revisão final do relato para submeter a revista, fator motivacional para aumentar mais um parágrafo nesta introdução e lembrei que não é mais o “Dia do Índio” e sim, o “Dia Nacional dos Povos Indígenas” da lei nº 14.402, de 8 de julho de 2022, que revoga o decreto-lei nº 5.540, de 2 de junho de 1943. Com isso, descrever este relato é apresentar o outro lado de Roraima, o etnoturismo na Comunidade Indígena Raposa I, Terra Indígena Raposa Serra do Sol (TIRSS), mais

---

especificamente na Maloca da Raposa I/*Maikan Pisi Pata'*, onde aconteceu na 6ª edição do *Anna Komanto Eseru* - Festival das Panelas de Barro nos dias 8, 9 e 10 de novembro de 2019. Essa prática pode ser uma alternativa sustentável para os povos originários que podem fazer turismo em terras indígenas, e nos apresentar sua cultura e tradições por meio desta prática.

O Brasil é um país de imensa diversidade cultural, sendo lar de diversas comunidades indígenas que possuem uma rica história e tradições únicas. O turismo pode ser uma forma de compartilhar e valorizar essas culturas, proporcionando aos visitantes a oportunidade de conhecer e aprender com essas comunidades. Nesse contexto, o etnoturismo, como segmentação de turismo, pode valorizar a cultura e a identidade dos povos indígenas de forma sustentável, promovendo uma experiência autêntica e enriquecedora para os visitantes. Neste relato de experiência, pretendo compartilhar minhas impressões e reflexões sobre essa experiência enriquecedora, destacando a importância do etnoturismo como uma forma de valorização da cultura indígena e de preservação do patrimônio cultural brasileiro, principalmente de Roraima. No Brasil são 1.652.876 pessoas indígenas (IBGE, 2023) e o estado com a maior parte da população indígena do Brasil é Roraima, 11% da população é indígena nesse estado (IBGE, 2010).

O relato de experiência tem por objetivo compartilhar com os leitores a experiência vivida na comunidade indígena Raposa, em Normandia - Roraima, durante uma viagem de visita técnica que teve por objetivo propiciar aos acadêmicos do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo e Pós graduação do IFRR/Campus Boa Vista, a aquisição e ampliação de saberes relativos às competências e habilidades constituídas no ambiente de sala de aula, como também promover o aprendizado de forma multidisciplinar e transcultural para uma formação técnica profissional e humanística.

Na oportunidade, levar os acadêmicos a adquirir um aprendizado prático de forma que possam interagir com os ambientes e agregar novos conhecimentos. Como professora temporária de turismo do Instituto Federal de Roraima (2018-2020), em conjunto com a coordenadora do curso, fomos responsáveis pelos discentes durante

a prática. Com isso, será relatada de forma detalhada as impressões e reflexões pessoais sobre a experiência vivenciada, destacando aspectos relevantes do etnoturismo, prática apresentada e planejada pela comunidade indígena Raposa I que criou o plano de visitação conforme Instrução Normativa nº 03, de 11 de junho de 2015, estabelecendo normas de visitação relativas às atividades de visitação para fins turísticos em terras indígenas (FUNAI, 2015).

Portando, o relato ajuda a sensibilizar os leitores sobre a importância do etnoturismo como uma forma de valorização da cultura indígena e de preservação do patrimônio cultural material e imaterial dos povos indígenas como a importância da conservação das tradições e dos modos de vida das comunidades indígenas, além de incentivar a prática do turismo sustentável e consciente.

## **2 PROBLEMÁTICA E RELEVÂNCIA**

Historicamente, as comunidades indígenas enfrentam inúmeros desafios, como a perda de terras, a discriminação e a exclusão social, que impactam diretamente a preservação de suas tradições culturais e modos de vida. Nesse contexto, o etnoturismo, ou turismo em Terras Indígenas (TIs), de acordo com Silva (2010), "é uma atividade recente, que começou a ser articulada a priori por não indígenas, sobretudo empresários do setor, mas hoje, pode ser uma oportunidade de compartilhar e valorizar a cultura indígena, promovendo uma experiência autêntica e enriquecedora tanto para os turistas quanto para as comunidades. No entanto, é importante destacar que o turismo mal planejado e realizado sem o devido respeito e cuidado pode ter efeitos negativos na cultura e na vida das comunidades indígenas.

Assim, a experiência de etnoturismo na comunidade indígena Raposa, em Normandia - Roraima, busca responder a essa necessidade de valorização e preservação da cultura indígena, oferecendo uma oportunidade de conhecer e aprender com a comunidade, promovendo uma relação respeitosa e sustentável entre turistas e a comunidade, além de incentivar a prática do turismo consciente e responsável.

---

A sua relevância se destaca pelo tema atual e ao impacto do turismo em terras indígenas (TIs). Essa forma de turismo é uma atividade relativamente nova, que teve início principalmente por iniciativa de não indígenas, especialmente empresários do setor, conforme apontado nas pesquisas de Silva (2010). Para refletir, “o turismo em TIs demanda um esforço analítico peculiar de modo a trazer à tona os danos, conflitos e prejuízos aos territórios indígenas” (De Andrade e Da Cruz, 2023, p.63), por outro lado, pode ser uma alternativa de valorização cultural por diversos motivos. Em primeiro lugar, o relato permite uma maior compreensão e valorização da cultura indígena, proporcionando uma oportunidade de aprendizagem e conhecimento sobre as tradições e modos de vida dessas comunidades. Isso é fundamental para que possamos reconhecer a diversidade cultural do nosso país e combater o preconceito e a discriminação.

Em segundo lugar, a experiência destaca a importância do turismo sustentável e consciente, mostrando que é possível realizar atividades turísticas planejadas em terras indígenas (TIs) conforme Instrução Normativa 03/2015 da FUNAI, que regulariza o etnoturismo e ecoturismo em terras indígenas de forma responsável e sustentável com as comunidades locais, sem prejudicar o meio ambiente e a cultura local.

Além disso, a experiência relatada pode servir como um exemplo inspirador para outras comunidades indígenas do estado de Roraima, que desejam promover o turismo em suas regiões, destacando os benefícios e os cuidados necessários para o desenvolvimento do turismo sustentável em terras indígenas. Por fim, o relato contribui para a conscientização sobre a importância da preservação das culturas indígenas e dos modos de vida tradicionais, que são patrimônios culturais valiosos para Roraima, Brasil e para o mundo.

### **3 METODOLOGIA**

Para desenvolver a construção deste relato de experiência em terras indígenas, algumas etapas foram seguidas, divididas entre antes, durante e depois da visita.

### **Antes da visita: etapa institucional interna com a equipe do IFRR:**

Preparação de documento para o Departamento de Ensino e Graduação (DEG), Direção Geral, Diretoria de Administração e Planejamento (DAPLAN) e Transporte;

Agendamento do Ônibus;

Solicitação de portaria de liberação para os professores;

Realização da visita;

Participação *in loco* das atividades de pesquisa.

### **Durante a visita: etapa individual como docente.**

Observação: Durante a viagem, foi realizada uma observação cuidadosa de tudo o que foi visto, ouvido, sentido e experimentado, registrando as impressões em um diário de bordo para relatório.

Participação: Durante a viagem, a autora deste relato participou ativamente das atividades realizadas na comunidade, incluindo passeios, oficinas de panela de barro, visitas aos atrativos naturais, interações com os indígenas, entre outras atividades, o que corrobora para descrever o relato.

Registro: Após cada dia de atividades, foram registradas as impressões e reflexões em um diário de bordo, além de fotos e vídeos que ajudaram a documentar a experiência vivida.

### **Depois da visita: Etapa individual como docente.**

Análise: Ao final da viagem, a autora desta experiência revisou o diário de bordo e as imagens registradas, fazendo uma análise crítica e reflexiva sobre a experiência vivida, identificando aspectos relevantes da cultura indígena, da relação entre turistas e a comunidade, bem como as aprendizagens e desafios encontrados a partir da prática do etnoturismo.

Redação: Com base na análise realizada, a autora organizou as informações e redigiu o relato de experiência, estruturando-o de forma coerente, destacando os pontos relevantes da experiência vivida. É importante ressaltar que a construção deste relato de experiência foi realizada com muito cuidado e respeito à cultura indígena,

---

valorizando os saberes e tradições da comunidade Raposa I em Roraima dentro do evento Panela de Barro de Macuxi.

### **Após a visita: etapa individual pessoal como docente e pesquisadora**

Entrega de relatório para o IFRR e publicação de relato de experiência em eventos de turismo e áreas afins do estudo. Com isso, foram ampliados os saberes relativos às competências e habilidades constituídas no ambiente de sala de aula, como também promoveu o aprendizado de forma multidisciplinar e transcultural para uma formação técnica profissional de turismo e sua interdisciplinaridade.

## **4 RESULTADOS**

A natureza da experiência relatada é o etnoturismo, que busca oferecer uma vivência autêntica e enriquecedora aos visitantes, por meio do contato com as tradições e modos de vida das comunidades locais, no caso, a comunidade indígena Raposa, em Normandia - Roraima. Na experiência relatada, os discentes e docentes tiveram a oportunidade de conhecer de perto a cultura indígena, aprender sobre a história e os costumes da comunidade Raposa, além de participar de atividades culturais e educativas.

A comunidade indígena Raposa I, está localizada no município de Normandia/RR, distante 240km da capital Boa Vista/RR. Foi realizada uma visita técnica, e tive a oportunidade de vivenciar o turismo em Terras Indígenas Raposa Serra do Sol (TIRSS), de forma intensa e marcante no evento da Maloca da Raposa I/*Maikan Pisi Pata'*, em sua 6ª edição do *Anna Komanto Eseru-* Festival das Panelas de Barro nos dias 8, 9 e 10 de novembro de 2019, destaca-se vivência da cultura indígena por meio do etnoturismo conforme tabela 1:

**Tabela 1** – Práticas de etnoturismo na Comunidade Indígena Raposa I (TIRSS)






(Continua)

<b>Prática de Etnoturismo</b>	<b>O que é?</b>	<b>Imagem</b>
Oficina de Língua Makuxi	Oficina do idioma materno da língua Makuxi da comunidade Raposa I.	
Culinária indígena Damurida	Culinária indígena. A Damurida é um cozido de carne de caça ou peixe, temperado com muita pimenta.	
Histórias e Narrativas	Lendas e histórias narradas no morro do Arco-íris pelo indígena e condutor local, Enoque Raposo.	
Bebida Pajuarú e Caxiri	Boas-vindas com a bebida típica Caxiri, servido na cuia.	
Modo de fazer Caxiri	Apresentação do modo de fazer a bebida Caxiri, que é feita da fermentação da mandioca. Há teor alcoólico.	
Dança Parixara	Uma das músicas e danças típicas da comunidade na recepção dos visitantes. Representa rituais em festas da comunidade.	
Música local e regional.	Além da apresentação de música local, houve apresentação de cantores regionais na comunidade.	



**Tabela 1** – Práticas de etnoturismo na Comunidade Indígena Raposa I (TIRSS)

(Conclusão)

<b>Prática de Etnoturismo</b>	<b>O que é?</b>	<b>Imagem</b>
Pinturas corporais indígenas	Pinturas corporais indígenas que utiliza o jenipapo e o urucum como matéria-prima para as tintas.	
Oficina e Modo de fazer Panela de Barro	Oficina com explicação do processo de produção da panela com as idosas da comunidade.	
Passeios nos atrativos naturais	Imagem da cachoeira e corredeiras da Raposa. Há trilha e rituais para entrar na água, como orações e regras. Por exemplo: mulher menstruada não pode entrar; sempre precisa pedir autorização aos deuses para entrar na água.	
Artesanatos Indígenas	Artesanatos com adereços foram vendidos no evento Ex. colares e brincos.	
Docentes e discentes do curso de Gestão e Pós-Graduação de Turismo do IFRR no malocão da Comunidade da Raposa I.	Fim do evento, a turma do IFRR que participou da experiência e vivências na comunidade.	

Fonte: Próprio Autor (2023)

O público-alvo da visita técnica foram os discentes do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo e Pós-graduação em Turismo do IFRR/Campus Boa Vista/RR. A parceria estabelecida com os líderes e organizadores do evento da Comunidade da Raposa I, se deu para estabelecer e delimitar o número de pessoas que estariam no evento e iriam pernoitar. Os valores estabelecidos pela comunidade são comuns para todos, os professores recebem diárias e os discentes um auxílio financeiro da instituição. O transporte foi da própria instituição, a hospedagem tipo

acampamento, redário e as três refeições estavam inclusas no pacote da comunidade. Os outros valores como trilhas, guiamentos, participação em oficinas tinham o valor tabelado conforme disponível pela comunidade. As panelas de barro e outros serviços também eram por conta do visitante. Os alunos interagiram com as apresentações culturais, receptividade com a bebida típica e programação cultural também inclusa no pacote.

Desde 2022, a replicidade da experiência em etnoturismo na Maloca da Raposa I, vem sendo adaptada e está acontecendo nas outras comunidades indígenas de Roraima, por meio e complementado pelo projeto RAI (Rotas Amazônicas Integradas) que lança o RAI e destaca o segmento do etnoturismo, que lançado oficialmente nos dias 20 e 21 de maio de 2022. Além do etnoturismo são trabalhados vários sub-segmentos, como a cultura, a gastronomia, a cosmologia indígena, a sabedoria dos povos amazônicos, o artesanato, a vivência do turista nessas comunidades, dentre outros contextos e elementos inerentes ao segmento onde em 2022 teve a primeira grande ação de divulgação do turismo em Roraima na 10ª edição da Fita (Feira Internacional de Turismo na Amazônia).

Dentro do processo sustentável a comunidade por meio da autogestão baseado na prática de turismo de base comunitário, utiliza a alternativa da prática de etnoturismo para sua subsistência complementar, uma vez que o turismo não é sua única fonte de renda e ainda é sazonal.

A visita técnica foi realizada por meio da parceria IFRR e Comunidade Raposa I. Os preços práticos foram menores, pois houve apoio da instituição. Além disso, a experiência articulada contribui para uma atividade prática e avaliativa por meio de relatórios de forma interdisciplinar, nas disciplinas de Gestão Comunitária e Gestão de Eventos, e para os alunos da pós-graduação em turismo, na disciplina de Sustentabilidade e Empreendedorismo. Essa contribuição se dá para o campo de conhecimento do etnoturismo em Roraima, promovendo a integração interdisciplinar e o entendimento de como é o plano de visitação, conforme instrução normativa da FUNAI, que regulamenta o etnoturismo em terras indígenas.

---

O plano de visita não é o resultado deste trabalho, mas sim um critério para o desenvolvimento da atividade turística em terras indígenas, a prática foi realizada por meio de projetos pilotos durante o evento que ocorre todos os anos no mês de novembro. Dessa forma, a visita técnica interdisciplinar proposta no projeto se justifica por proporcionar aos acadêmicos do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo, módulos II, IV e VI e pós-graduação, a aplicação e ampliação dos conhecimentos teóricos aprendidos em sala de aula, em atividades práticas relacionadas aos componentes curriculares descritos acima.

Nesse sentido, a realização da visita à Comunidade Raposa I na Terra Indígena Raposa Serra do Sol se mostra fundamental na articulação entre teoria e prática, sendo uma oportunidade ímpar para aquisição de saberes e contribuições significativas para o aprendizado dos acadêmicos, compreendendo as relações práticas/teóricas dos componentes dos módulos e com isso vivenciando a interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, motivação, contextualização e ainda sendo avaliados sob circunstâncias próximas às de um ambiente real.

Portanto, destacar a vivência da cultura indígena, por meio da língua (Makuxi); culinária (Damurida); bebida (Pajuarú, Caxiri); dança (Parixara); música (Cantigos Índigenas); história (Narrativas de lendas da raposa), e processo e modo de fazer Panela de Barro (Makuxi), Pinturas corporais indígena (com jenipapo) e passeios e visita guiadas nos atrativos culturais Lago da Raposa; Cachoeira da Raposa e o pôr do sol na Serra do arco-íris, são experiências vividas que sensibilizam e conscientizam a relação entre os turistas e a comunidade com as atividades realizadas durante a viagem, bem como as aprendizagens e desafios encontrados ao longo do processo.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para concluir, registrar algumas reflexões sobre a experiência realizada por meio da visita técnica na comunidade Raposa I, com o tema centrado em etnoturismo, a partir do projeto piloto dentro da comunidade. Primeiramente, o segmento do

etnoturismo, a comunidade indígena Raposa I, por ser a primeira a elaborar o plano de visitação, principalmente porque o estado de Roraima e outras terras indígenas são tidas como potencial turístico, mostrou-se que o segmento é bem complexo, pela forma que ainda precisa ser trabalhada e inserida fora do próprio evento Panela de Barro.

Somado a isso, alguns entraves políticos e locais impedem que a prática seja desenvolvida, como a discursão de demarcação de terras indígenas, a não aceitação de políticas públicas voltadas aos indígenas, o governo de direita estabelecido no Estado de Roraima. No contexto local de algumas comunidades próximas as que querem etnoturismo, pois numa terra indígena demarcada continua, as vezes algumas comunidades próximas das que querem o etnoturismo, não aceitam a prática, já que ao longo do percurso ou estrada, há a necessidade de adentrar nessas comunidades que não aceitam o turismo na região.

Entendemos isso pelo contexto e falas de alguns indígenas que participavam e falavam que os entraves internos, muitas vezes é mais difícil que os externos para a continuidade e implementação do etnoturismo nas terras indígenas. Esse momento se deu quando fomos visitar o Lago Caracaranã, atrativo natural da terra indígena, mas administrado juntamente com outras comunidades, e que já há prática de visitação de forma irregular. O atrativo foi visitado pelos grupos do IFRR, pois integra o plano de visitação do roteiro realizado na comunidade Raposa I.

Foi observado que a elaboração e planejamento envolviam tanto os moradores, quando os parentes externos de outras comunidades, que se deslocaram para o evento e também ajudavam na execução do evento. Com referência ao “plano de visitação”, a comunidade Raposa I é a pioneira e no período esperava-se a aprovação para exercer de fato o etnoturismo, mas a ex-gestão presidencial, que acabou em 2022, não tinha nenhum interesse em assinar a aprovação do plano.

Entretanto, uma notícia positiva surge com a tão aguardada assinatura, realizada em janeiro de 2023, após um longo período de espera desde a experiência inicial com

---

os alunos e os trâmites burocráticos de aprovação. Desde 2019, quando surgiram as primeiras esperanças de aprovação do plano, o processo foi interrompido pela pandemia da COVID-19. Mesmo com a retomada do turismo no segundo semestre de 2021, não houve interesse por parte dos líderes da Funai e do próprio governo federal. No entanto, com a emissão da carta de anuência nº40/2022, o projeto retornou à pauta, culminando, em 12 de janeiro de 2023, na aprovação do plano de visitação e etnoturismo na Comunidade Indígena Raposa I, TIRSS, com a assinatura da carta de anuência para o plano de visitação turística pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI).

O plano de visitação, que havia sido aprovado pela FUNAI Nacional em 2020, faltava a assinatura do presidente da Funai. O plano foi elaborado em consonância à IN 003/2015-FUNAI, que estabelece normas e diretrizes relativas às atividades de visitação para fins turísticos em terras indígenas. Sendo, portanto, a Raposa I, referência no Estado.

Além disso, por meio do plano estadual de turismo e o Turismo 2030, inseriu mais comunidades indígenas que tem interesse, e com isso implementou 26 roteiros no Estado, dentre eles, que contemplam as terras indígenas nos municípios do Amajari, Pacaraima e Uiramutã, onde abrangem as comunidades indígenas do *Guariba, Bananal, Nova Esperança, Kawuê, Ta´rau Paru, Ingarumã, Flexau e Urucuzinho*.

O plano de visitação ainda está se expandindo por todo Estado a fim de regularizar a prática e colocar o segmento de etnoturismo como o principal segmento de turismo do estado. Assim, as comunidades indígenas, tornam-se autogestores sustentáveis a partir do turismo de base comunitária, contribuindo de forma positiva para o desenvolvimento do turismo no Estado de Roraima.

Vale destacar que mesmo com o governo local de direita e suas controvérsias políticas, em novembro de 2023 o Departamento de Turismo de Roraima (Detur) da Secretaria de Cultura e Turismo (Secult), participou do Prêmio Nacional do Turismo 2023: “O turismo transformando vidas”, promovido pelo Ministério do Turismo. O

departamento de turismo, foi premiado como o segundo lugar na categoria de Governança e Gestão do Turismo, por meio do Programa de Turismo em Terras Indígenas de Roraima, em funcionamento desde 2019, que oferece suporte às comunidades para receber visitantes interessados em vivenciar experiências relacionadas ao etnoturismo em terras indígenas, proporcionando imersão em seu cotidiano.

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## REFERÊNCIAS

DE ANDRADE, A. B.; DA CRUZ, J. G. **O lugar do Turismo no processo de gestão territorial e ambiental na terra indígena Mura do Careiro da Várzea-AM**. Caderno Virtual de Turismo, v. 22, n. 3, pp. 61-75, 2023.

DE SOUZA, J. F. O.; GHEDIN, L. M. **Etnoturismo**. Revista Paata Eeseru em Turismo, v. 1, n. 1, 2022.

Dia dos povos indígenas. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2019-2022/2022/Lei/L14402.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2022/Lei/L14402.htm). Acesso em: 10 abr. 2023.

IBGE. **Com a coleta concluída na TI Yanomami**, Censo já registra 1.652.876 pessoas indígenas em todo o país. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/novo-portal-destaques.html?destaque=36595>. Acesso em: 19 de abril de 2023.

IR - Instrução normativa 03/0215 - **FUNAI**. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=41&data=12/06/2015>. Acesso em: 10 abr. 2023.

SILVA, G. **Atividades Turísticas nas Terras Indígenas Brasileiras: Abordagem Analítica e Proposta de Regulamentação**. Florianópolis, 2010.

## CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

### 1 – Jordana de Souza Cavalcante

Doutoranda em Turismo pela Universidade de São Paulo (USP); Mestre em Desenvolvimento Regional da Amazônia pela Universidade Federal de Roraima (UFRR); Tecnóloga em Gestão de Turismo pelo Instituto Federal de Roraima (IFRR).  
<https://orcid.org/0000-0002-5784-4250> • [jordanacavalcanterr@gmail.com](mailto:jordanacavalcanterr@gmail.com)  
Contribuição: Escrita - primeira redação e revisão